



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.
Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos.

AS IMPLICAÇÕES DA PÓS-MODERNIDADE NA ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL: UMA BREVE APROXIMAÇÃO DA TEMÁTICA

AMANDA SALES DA SILVA¹

Resumo: O presente artigo tem a intenção de contribuir e fomentar o debate entre Serviço Social e pós-modernidade nas últimas décadas. Como objeto da análise, apresento a minha crítica a pós-modernidade como um instrumento de legitimação capitalista tardia que ganha robustez nos últimos trinta anos e, como isso pode ser um contratempo na luta por uma sociedade alternativa com a ampliação de direitos, impactando a categoria dos assistentes sociais por serem trabalhadores e ao projeto societário que a categoria hegemônica comunga. **Palavras-chave:** Modernidade, Serviço Social, Pós-modernidade.

Abstract: This study intends to contribute and foster debate among Social Work and postmodernity in recent decades. As the object of analysis, I present my critique of postmodernity as a late capitalist legitimation instrument that gains strength in the last thirty years, and how this can be a setback in the fight for an alternative society with the expansion of rights, impacting the category of social workers to be workers and social project that the hegemonic category shares.

Keywords: Modernity, Social Work, Postmodernism.

1- INTRODUÇÃO

Desde a queda do Antigo Regime e o erguimento da burguesia como classe abastada no século XVIII, o capitalismo surge como modo de produção que se estende até os dias atuais. Entretanto para se manter durante três séculos, em meio as crises inerentes de seu sistema e com a ameaça socialista/comunista, foi preciso reformular novas estratégias de expansão e manutenção da ordem.

Na atualidade, com um movimento que se inicia no começo do século XX, presenciamos uma mudança explícita na dinâmica espaço-tempo

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: <amanda.salesds@hotmail.com>.

(HARVEY, 1993), que é marcada pela fluidez, volatilidade e contração das relações sociais. Essa transição não acontece de maneira espontânea e natural, pois ela se inicia primeiramente na maneira como o capitalismo reage a crise da década de 1970, influenciando sua produção, na relação com o Estado por conseguinte nos atingindo. Contrária ao projeto de modernidade, denomina-se pós-modernidade este movimento que aplaude o fim das metanarrativas e grandes teorias sociais, priorizando as experiências individuais e o relato narrativo (LYOTARD, 2000).

2- DESENVOLVIMENTO

Atravessamos na contemporaneidade a face mais desenvolvida do sistema capitalista, que representa um embargo para a classe trabalhadora, incluindo os assistentes sociais. Para engrossar esta problemática, observamos que:

os desdobramentos das mudanças societárias ocorridas ao longo dos anos 1990, sob a ofensiva neoliberal e suas repercussões nos dias atuais, têm colocado em xeque os pressupostos estruturantes desse projeto. Tais repercussões podem ser sinalizadas a partir de pelo menos duas direções: a primeira no plano do conhecimento, mediante o constante questionamento da teoria marxista e da 'razão dialética' e o fortalecimento da razão instrumental e do pensamento conservador, rearticulados pelas tendências pós-modernas; a segunda no âmbito do exercício profissional, cujas manifestações evidenciam-se seja na alteração das condições de trabalho dos Assistentes Sociais, seja nas 'novas' demandas encaminhadas à profissão e nas respostas mobilizadas para respondê-las. (SIMIONATO, 2009, p. 16)

A base do discurso pós-moderno está na interpretação da realidade de maneira subjetiva e fragmentada, como resultado excluí-se esferas como totalidade, essência, classes, luta de classes, revolução, capitalismo, alienação, socialismo e etc (TONET, 2009). Há o estímulo da dúvida de tudo e ao questionamento da ciência moderna - e à razão que a centralizava: "Como

provar a prova?(...) quem decide sobre o que é verdadeiro?" (LYOTARD, 1979, p.54), não respondendo a pergunta, mas trazendo mais indagações.

Em virtude do que foi mencionado, e considerando que uma das esferas que a pós-modernidade se expressa é no cotidiano (ROUANET, 1984), constatamos que ele vem ser como um dos objetos desta análise por ser um dos momentos favoráveis para a prática profissional do assistente social ser influenciada. Para tal afirmação, parafraseamos Guerra (2009):

O assistente social lida com essas múltiplas expressões das relações sociais da vida cotidiana, o que permite dispor de um acervo privilegiado de dados e informações sobre as várias formas de manifestação das desigualdades e da exclusão social em sua vivência pelos sujeitos, de modo que a ele é facultado conhecer a realidade de maneira direta: a partir da sua intervenção na realidade, das investigações que realiza, visando responder a esta realidade. (p. 712)

No cotidiano profissional dos assistentes sociais, encontramos expressões contundentes da interferência do discurso pós-moderno. O cotidiano é um fenômeno que faz parte da realidade humana (NETTO, 2012), mas que precisa de uma atenção extra por parte dos profissionais.

Para isso, trabalharemos brevemente as determinações fundamentais da cotidianidade oferecido por Lukács apud Netto (2012): a heterogeneidade, a imediatividade e a superficialidade extensiva; como forma de debate para detectarmos os caminhos da hipótese de que os assistentes sociais por mais que tenham sua hegemonia crítica e visão de totalidade, não estarão livres das influências pós-moderna (NETTO, 2016; SANTOS, 2007).

Em relação à imediatividade², observamos um profissional que necessita- e cada vez valoriza-se esta "faculdade" - em rapidamente responder às demandas, que levantar indagações sobre os fenômenos que nos circunda.

² Alguns autores do Serviço Social também vão problematizar esse aspecto do imediatismo como "presentismo" (Guerra, 2010; Santos, 2007). Este opera um traço fundamental da decadência ideológica que marca o capitalismo tardio. Assim, o presente tem uma valorização exacerbada, como se "não pensar no futuro" fosse uma mantra na busca por uma qualidade de vida e enaltecimento da mesma. Porém, a lógica implícita neste presentismo, não busca ações de mudança estruturais e sim o aborto da razão na construção de um projeto de sociedade sem opressões. Por fim, cito esta frase que representa melhor o que estamos lidando: "*Não almejar nem os que passaram nem os que virão. Importa ser de seu próprio tempo*" (Hannah Arendt).

A ação imediata obscurece uma análise enraizada da totalidade, enquadrando-se à lógica mercantil, de produção. Sua conexão com a pós-modernidade é explícita:

Esse campo da imediaticidade cotidiana em que se movem as ações do Serviço Social, quando reduzido à mera aparência, constitui um foco aberto para o fortalecimento do empirismo, do pragmatismo, do voluntarismo e do conservadorismo, da fragmentação entre teoria e prática, conformes às tendências da pós-modernidade e a um distanciamento dos paradigmas críticos totalizantes. O retorno do discurso da cultura profissional de que 'na prática a teoria é outra', onde o saber - fazer é superdimensionado, alinha-se à 'razão instrumental', ao crescente processo de burocratização da vida social presente na base do projeto capitalista e dos aportes teóricos do pensamento pós-moderno. Conforme aponta Netto (1996, p.188) "investir na pós-modernidade é também levar água ao moinho do conservadorismo". Por isso mesmo, afirma-se a importância da compreensão da realidade a partir de um rigoroso exercício pautado pela razão crítica, de modo a captar suas diferentes dimensões, sejam elas particulares ou universais. (Simionatto, 2009, p.14)

Paralelamente - tal como Simionatto (2009) aponta -, como reflexo do imediato, cresce o aumento da dicotomia entre teoria e prática, havendo uma valorização da prática e um descarte da teoria, pois esta última já não é mais necessária em uma sociedade que valoriza o fugaz, o súbito e o espontâneo. Não que isso seja a defesa de uma caráter maniqueísta - bom ou mau, certo ou errado, preto ou branco -, mas entender a principal contradição onde se sustenta o modo de produção capitalista : a produção é social, mas a distribuição é privada (MARX, 1983 apud BRAZ E NETTO, 2006) é o mínimo para entender a questão social.

A superficialidade extensiva - idem a imediaticidade - compreende uma visão estrábica frente às expressões da questão social. A aparência, como parte do real, sendo vista como um todo. Como já vimos, na retórica pós-moderna cada um tem a sua verdade, cada uma faz a sua descrição da realidade, pois ela fica à mercê da ótica de cada indivíduo (LYOTARD, 1979).

A heterogeneidade do cotidiano compreende as demais áreas que atravessam a vida humana (trabalho, comunicação, família, política, lazer, vida privada, vida social e etc). Esta tríade particular do cotidiano - heterogeneidade, superficialidade extensiva e imediaticidade - interage quando temos que lidar com muitas demandas\ exigências concomitante, portanto temos a tendência

de agir superficialmente para dar respostas às nossas perguntas e problemas de maneira imediata (NETTO, 2012).

Em consequência disso, nota-se uma perda da categoria da totalidade estudada por Marx, que para o Serviço Social atual, tem uma grande relevância para o entendimento da questão social. Visto que, "a categoria da totalidade concreta é[...]a categoria fundamental da realidade" (LUKÁCS apud NETTO, 2012, p. 79), que não à toa reforça as estruturas do discurso pós-moderno de perda da razão que incita ao perigo de que "[...] no plano da cotidianidade, o critério da utilidade confunde-se com o da verdade."(NETTO, 2012, p.69)

A respeito dos discursos apresentados, verifica-se que o cotidiano ofusca a nossa capacidade de transcender e ver além do que nos é dado. Conhecer por meio da razão para melhor dominar é fundamental, mas há quem diga que isso já foi feito num capítulo da História, mas fracassou, quando apontam a proposta da modernidade no século XVIII. Atualmente, os riscos do retorno do conservadorismo e dos sinais pós-modernos rondam a intervenção profissional, como sinaliza Guerra (2010):

Há um movimento de avanços e retrocessos no interior da profissão que acompanha, em alguma medida, a dinâmica espaço-tempo, estudada por Harvey (1993) na obra já citada. Esta nova percepção espaço-temporal, marcada pela volatilidade e fluidez do capital que se movimenta em direção da sua permanente valorização por mercados mais diversos, produz a sensação de que espaço e tempo escolheram que as distâncias se estreitaram, que o tempo se contraiu e se reduziu ao presente. Esta sensação de encolhimento do tempo, se de um lado permite aos assistentes sociais dedicarem-se a outras atividades, especialmente as mulheres, que passam a contar com uma série de eletrodomésticos e com a participação da família na realização das tarefas domésticas, por outro, em razão dos baixos salários, necessitam estabelecer outros vínculos de trabalho, o que leva tanto ao aumento da jornada de trabalho quanto ao pluriemprego. Ainda em relação à questão da compressão espaço-tempo, a sensação de presentismo, a tendência de reconhecer apenas o "aqui e agora", tão decantada no discurso pós-moderno, ajusta-se perfeitamente ao imediatismo das respostas profissionais ao seu caráter instrumental, pontual e fragmentado, acompanhada da percepção de instabilidade e insegurança no emprego. (p. 98)

Independentemente de não termos saídas repentinas quanto à questão do cotidiano - pois ele é constitutivo da vida humana -, e à ordem que nos circunda; os fenômenos oriundos da exploração do capital sob o trabalho

tendem enviesar-se de feição natural, pois o cotidiano é uma dimensão da vida social que se inclina facilmente para a alienação. Desta maneira³:

A tomada da realidade de que a cotidianidade contemporânea é um nível constitutivo supõe a reconstrução reflexiva da sua ontologia, da totalidade concreta própria da sociedade burguesa madura. E a caça mais pertinaz das mediações é um imperativo para que a dissolução da opacidade imediata dos "fatos" cotidianos não redunde numa indiferenciação que substitui as passagens e conversões efetivas e reais que mantêm tenso o tecido social. (NETTO, 2012, p. 98)

Para um bom desempenho - não com um viés quantitativo e imediatista, como já foi criticado anteriormente, mas em qualidade e arranjo - o profissional carrega uma responsabilidade colossal e complexa para não cair nas armadilhas neoconservadoras. Para isso, é de extrema importância retornar e atualizar sua estrutura teórica-metodológica - e conseqüentemente construindo um bom arsenal técnico-operativo e ético-político - se edificar a crítica da vida cotidiana:

Exceto se nós, assistentes sociais, quisermos nos deter, na condição de profissionais que 'programam' (ou concorrem para tal) a cotidianidade, nos umbrais da faticidade que põe a pseudoconcreticidade, a única alternativa para um tratamento conseqüente dela é exercitar uma análise que, em si mesma, plasma uma crítica da vida cotidiana. Para tanto, é irremediável o apelo a uma postura teórico-metodológica e a uma sistema categorial - aqueles que peculiarizam a obra marxiana - que, definitivamente, são alheios à nossa tradição formativa e operativa. É tempo de subverter a tradição. (Idem)

Acompanhamos o nexos pós-moderno infiltrado no cotidiano humano e no cotidiano do assistente social ganhar força, principalmente à começar com mais vigor na década de 1990 com o forte ataque neoliberal no Brasil, que combinou o encolhimento do Estado, a precarização das condições de trabalho- seguindo esta tríade: flexibilização, terceirização e privatização (BEHRING E BOSCHETTI, 2006; ANTUNES, 2002) -, e as influências das características da atual fase do capitalismo flexível/fetichismo (IAMAMOTO, 1999)

³ Corroborando com essa ideia: "O pensamento dominante no capitalismo contemporâneo — a ideologia neoliberal e seu subproduto, a ideologia pós-moderna —, exerce a função social de justificação das transformações operadas na vida social pela ofensiva do capital. É dessa forma que a insegurança, a instabilidade e a fragmentação são disseminadas como componentes ontológicos constitutivos de uma etapa histórica intransponível: a —era pós-moderna (BARROCO, 2011, p.206 apud CHAUI, 2006; HARVEY, 2005)

que se consolidam através da ideologia dominante que é reproduzida também pela classe dominada, reiterada pela cultura pós-moderna:

Na sociedade brasileira, as incidências dessa crise social rebatem com força nos anos 90. Muito especialmente a partir de 1995, quando os representantes do grande capital passaram a ocupar mais diretamente as instâncias de decisão política, as práticas inspiradas no neoliberalismo e sua cultura viram-se amplamente disseminadas no conjunto da sociedade. (ibidem, 1999, p.107)

Em vista dos argumentos apresentados, atualmente acompanhamos uma expansão deste movimento iniciado no final do século XX no Brasil. Atravessamos condições cada vez mais desfavoráveis na realidade capitalista, que por vezes parece invencível. Todavia, o esforço do assistente social precisa ser grande, pois por mais que o seu projeto hegemônico esteja contrário à estrutura burguesa, há o risco de no seu cotidiano profissional da reprodução de um discurso que prefira "trabalhar não a realidade, mas as suas representações; não o universal, e sim o singular, o micro, o pontual; não as questões macro, de estrutura, mas o cotidiano, os fragmentos, não o futuro, e sim o presente; não o público, mas a intimidade." (CARVALHO apud SIMIONATTO, 2009, p. 5).

Barroco (2011) também vai alertar sobre os efeitos do advento do neoconservadorismo, que dentre outras características, se apresenta na contemporaneidade na repressão aos pobres, fator que já é visível no dia-a-dia brasileiro:

O neoconservadorismo busca legitimação pela repressão dos trabalhadores ou pela criminalização dos movimentos sociais, da pobreza e da militarização da vida cotidiana. Essas formas de repressão implicam violência contra o outro, e todas são mediadas moralmente, em diferentes graus, na medida em que se objetiva a negação do outro: quando o outro é discriminado lhe é negado o direito de existir como tal ou de existir com as suas diferenças. (p.209)

O cotidiano e suas determinações fundamentais - heterogeneidade, a imediatividade e a superficialidade extensiva - como visto previamente, formam o momento ideal para a reprodução do pensamento pós-moderno que se acentuou nas últimas décadas nas relações sociais brasileiras. A dinâmica

fugaz do trabalhador, que em parte encara a realidade no "automático" serve de suprassumo para a lógica capitalista.

A emergência do neoconservadorismo manifesta-se nas últimas décadas -visivelmente enxuto no início deste século - como uma urgência ideológica do capitalismo tardio. Do mesmo modo, Jameson (1991) notou a pós-modernidade como a ideologia necessária para este momento histórico, que retifica a lógica do capital, como outrora fez o tomismo, o neotomismo, o positivismo estruturalista e a fenomenologia num dado momento, marcando o conservadorismo clássico como desenvolvimento das contradições do sistema do capital, pós-1979 (NETTO, 2011).⁴

Na época atual, encontramos um capitalismo muito mais globalizado, com grandes influências do capital financeiro, - transformando o dinheiro fixo em um fluxo-, atomizando seu potencial de lucro, mesclado com o poder midiático informacional que incide diretamente na vida das pessoas em áreas antes não vistas.⁵ A mudança da tecnologia da produção e conseqüentemente nas relações humanas. A tecnologia antes vista só como uma aliada para aumentar a produção, também começa a fazer parte das relações sociais na área da comunicação, ampliando a visão de mundo, "encurtando distâncias" (HARVEY, 1993).

Para isso, a pós-modernidade vem estruturando seus pilares. Recorrendo a Netto (2016) em uma de suas contribuições mais recentes sobre a temática, o autor aponta sua preocupação em relação a emergência do neoconservadorismo pós-moderno e no seu papel como pedra de tropeço para a concretude do projeto ético-político do Serviço Social brasileiro:

Está clara a hipótese subjacente às reflexões aqui formuladas: o neoconservadorismo próprio às posturas pós-modernas constituiu e constitui um vetor de erosão das bases do projeto ético-político e vem conferindo verniz e legitimação a concepções e práticas que, invocando este projeto, tendem efetivamente a pô-lo em questão. E, por via de consequência, não creio ser irrazoável - se avançar sem contraposição a influência neoconservadora, notadamente a pós-

⁴ Não que estas vertentes não se interligam, ao contrário, vemos um cruzamento do antigo conservadorismo com o que ele traz de novo, com alguns ajustes para de adaptar aos dias de hoje.

⁵ Para Netto (2010, p.9), "[...] a conjunção 'globalização'/neoliberalismo' veio para demonstrar aos desavisados que o capital não tem nenhum 'compromisso social'"

moderna, mais a resiliência dos condicionantes sociopolíticos que a fomentam - vislumbrar a emergência de uma inflexão na atual direção social da profissão, reversão que, a meu juízo, instaurará o quadro de uma profunda regressividade no movimento do Serviço Social no Brasil. (NETTO, 2016, p.67)

Ressaltamos que o advento do Serviço Social esteve vinculado ao projeto de "modernização conservadora" do governo no período da industrialização brasileira no início do século XX, e que à priori se apoiou do conservadorismo clássico - já apontado acima -, durante um considerável período, funcionando de respaldo para a profissão (IAMAMOTTO, 2001; NETTO, 2005).

Após seu levante crítico, o Serviço Social se desvencilha da perspectiva conservadora e se aproxima dos moldes mais críticos que a modernidade tinha para oferecer - principalmente com a aceitação do marxismo. Isto é, o Serviço Social é uma profissão nascida na modernidade, e usada como instrumento de modernização, só que no *stricto sensu* de que a modernidade poderia oferecer, aliada ao caráter conservador. Entretanto, sua postura crítica adquirida posteriormente - no final da década de 1970 com o movimento de Renovação da profissão -, o Serviço Social brasileiro garante sua identidade com o projeto de modernidade, que em sua proposta mais ousada, luta e defende a emancipação humana.

A face do capitalismo contemporâneo incide diretamente seja na demanda do profissional com "[...] a polivalência, a terceirização, a subcontratação, a queda de padrão salarial, a ampliação de contratos de trabalho temporários, o desemprego são dimensões constitutivas da própria feição atual do Serviço Social e não uma realidade alheia e externa que afeta 'os outros'."(IAMAMOTTO, 1999, p.49).

A familiaridade do projeto ético-político do Serviço Social com o projeto de modernidade se confronta em um paradoxo que os profissionais vivenciam: com a dificuldade em ver a concretude do projeto em um contexto tão desfavorável para a classe trabalhadora, assim como vemos em Simionatto (2009):

No entanto, os desdobramentos das mudanças societárias ocorridas ao longo dos anos 1990, sob a ofensiva neoliberal e suas repercussões nos dias atuais, têm colocado em xeque os pressupostos estruturantes desse projeto. Tais repercussões podem ser sinalizadas a partir de pelo menos duas direções: a primeira no plano do conhecimento, mediante o constante questionamento da teoria marxista e da 'razão dialética' e o fortalecimento da razão instrumental e do pensamento conservador, rearticulados pelas tendências pós-modernas; a segunda no âmbito do exercício profissional, cujas manifestações evidenciam-se seja na alteração das condições de trabalho dos Assistentes Sociais, seja nas 'novas' demandas encaminhadas à profissão e nas respostas mobilizadas para respondê-las. (p.13)

Outro paradoxo que aumenta nos tempos atuais, com a ajuda do discurso pós-moderno, é na defesa de um individualismo mascarado de individualidade e na luta pela "democracia". Essa defesa intransigente, já problematizadas por Rouanet (1998) como uma proliferação de "particularismos", muitas vezes se utiliza do "direito democrático", para financiar a intolerância de um projeto comum e em unidade que nos permita ultrapassar o estágio capitalista de exploração. Esse é uma tendência da pós-modernidade que rejeita os metarelatos, reiterando a lógica de "cada um no seu quadrado",:

Desta decomposição dos grandes relatos, que analisaremos mais adiante, segue-se o que alguns analisam como a dissolução do vínculo social e a passagem das coletividades sociais ao estado de uma massa composta de átomos individuais lançados num absurdo movimento browniano. (LYOTARD, 1979, p.28)

Isso atinge os profissionais tanto na forma de lidar com a sua demanda, remetendo uma visão singular da questão social, como no afastamento das lutas sociais e na aproximação da visão reformista. Aprofundando a questão:

Não é um acidente, pois, que grupos, categorias e segmentos sociais se empenhem na construção de —novas identidadesll culturais, nem que busquem, dramaticamente, estruturar suas —comunidadesll. A —cultura globalll se movimenta entre a produção/divulgação/consumo mercantilizados de —artefatos globaisll e a incorporação/consagração de expressões particularistas — movimenta-se entre o cosmopolitismo e o localismo/singularismo, entre a indiferenciação abstrata de —valores globaisll e particularismos fundamentalistas. Quer no cosmopolitismo, quer no localismo/singularismo, há uma nítida desqualificação da esfera pública universalizadora. Nessa cultura, parece vigorar a máxima segundo a qual 'não há sociedade, só indivíduos'. (NETTO, 1996, p. 98)

O Serviço Social encontra dificuldades neste aspecto, pois além de se posicionar contra o capitalismo e deixar claro em seu projeto profissional, a profissão comunga de um projeto societário alternativo à ordem.

Além disso, poder-se-ia promover uma relação íntima entre a pós-modernidade e a mercantilização do conhecimento - presente na maioria das instituições de ensino superior privada em Serviço Social, como na modalidade de Educação à Distância - que flerta com a má qualidade, gerando uma formação deficiente em debates, pesquisas, extensão, rigor teórico e preferência da intervenção tecnicista - diferente das instituições de ensino - públicas, em sua maioria - que prezam as diretrizes básicas de formação⁶:

Prioriza-se a formação que atenda as orientações do Banco Mundial, sendo que democratizar passa a ser sinônimo de uma inserção, ainda que precarizada, em instituições de ensino, seja pública ou privada, daí ser a expansão de vagas a meta cobrada pelos organismos financiadores. (GUERRA, 2010, p. 724).

Neste sentido, cria-se um tabu acerca do tema em que sabemos que existe, mas que pouco se aprofunda, enquanto ele se alastra e se fortalece ao nosso redor. Tendo em vista que já encontramos cursos de ensino superior em Serviço Social fora do Brasil que dispõe de uma grade curricular diretamente vinculadas à teoria pós-moderna e que no Brasil, o aumento dos cursos de Serviço Social em unidades de ensino privadas e à distância (Educação à Distância - EAD), com pouco compromisso analítico de qualidade, contribui para a aproximação ao discurso pós-moderno e, conseqüentemente para a reedição de práticas conservadoras, trata-se do neoconservadorismo. Isso nos mostra que não podemos questionar o poder da pós-modernidade.

3- CONCLUSÃO

⁶ Cf. CFESS/CRESS/ABEPSS/ENESSO. Sobre a incompatibilidade entre graduação à distância e serviço social. Brasília: CFESS, 2011.

Cf. CFESS/CRESS/ABEPSS/ENESSO. Posicionamento das entidades nacionais de serviço social sobre criação e proliferação de cursos de graduação à distância. Brasília: CFESS, 2007.

É fato que já dispomos de uma boa gama de estudiosos que se debruçaram em analisar a fase mais conservadora da profissão, - e isso é de fundamental importância para a compreensão das raízes históricas do Serviço Social -, todavia há a necessidade de conhecer mais quais são as "armadilhas" contemporâneas do capitalismo, que não só atingem a demanda que chega ao profissional, mas ao próprio profissional e como ele encara a sua demanda (NETTO, 2016).

Para isso, há a urgência de aprofundar este conjunto de questões, para primeiramente entender o movimento, a fim de combatê-lo, pois" [...] se alguns assistentes sociais já produziram bons subsídios na análise do conservadorismo - seja do conservadorismo clássico (NETTO, 2011) seja do seu rebatimento no Serviço Social (IAMAMOTO, 1992) - só recentemente nossos colegas começaram a tratar do neoconservadorismo (SANTOS, 2007)." (NETTO, 2016, p. 66)

Acompanhando sua trajetória e chegando aos dias contemporâneos, encontramos um Serviço Social que vem nadando "contra à corrente" corajosamente, mas que se encontrará em uma situação pior caso haja uma recusa em gastar mais energias em problematizar o passado enquanto os problemas presentes ganham futuro.

A história de ruptura e resistência do conservadorismo na profissão é longo e precisa ser revista e atualizada continuamente, pois o conservadorismo também se revisa e atualiza-se. Entretanto, o crescimento de um discurso fatalista e individualizante que ainda perdura na profissão, além de ter sua relação com o passado profissional ou no descontentamento/falta de esperança com a sociedade melhor e emancipada, é o terreno ideal para a reprodução do discurso pós-moderno que configura o conservadorismo mais recente.

Finalmente, encorajo o Serviço Social a aprofundar melhor os rebatimentos da pós-modernidade atualmente na profissão, para que quando estivermos *cara a cara* com esta problemática, tenhamos capacidade de

identificar suas bandeiras como uma nova face do conservadorismo que obscurece a emancipação humana e fortalece os objetivos do capitalismo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Crise capitalista contemporânea e as transformações no mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARROCO, Maria Lúcia S. Barbárie e neoconservadorismo: os desafios do projeto ético-político. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 106, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BEHRING, ELAINE; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história**. São Paulo: Cortez; Biblioteca Básica de Serviço Social, 2006.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BETTO, Frei. **Ética**. Brasília: Garamond, 1997.

BONFIM, Paula. **Conservadorismo moral e serviço social: a particularidade da formação moral brasileira e a sua influência no cotidiano de trabalho dos assistentes sociais**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

BRASIL. Lei 8.662 de 7 de junho de 1993. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 7 jun. 1993.

CONSELHO FEDERAL DO SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais**. Brasília, 1993.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FEATHERSTONE, M. **Cultura do consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GUERRA, Y. **A instrumentalidade do Serviço Social**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. A dimensão investigativa no exercício profissional. In: _____. **Serviço Social: Direitos Sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

_____. Serviço Social: dilemas da precarização e estratégias de enfrentamento. In: COSTA, Gilmaisa et al. **Crise contemporânea e Serviço Social**. Maceió: EDUFAL, 2010.

_____. A formação profissional frente aos desafios da intervenção e das atuais configurações do ensino público, privado e à distância. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 104, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Modernidade: um projeto inacabado**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edição Loyola. 1993.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2007.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

PAULO NETTO, José. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. Para uma história nova do Serviço Social no Brasil. In: SILVA, Maria Liduína de Oliveira (Org.). **Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo**. São Paulo: Cortez, 2016. cap. 1, p. 14-76.

PAULO NETTO, José; CARVALHO, M. C. B de. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. **Mal-Estar na Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Josiane Soares. **Neoconservadorismo pós-moderno e Serviço Social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Notas críticas sobre a concepção de cidadania pós-moderna e o Serviço Social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 78. São Paulo, 2004.

SIMIONATTO, Ivete. As expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade. In: _____. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais.** Brasília: CFESS/ABEPSS/ CEAD/UNB, 2009.

TONET, Ivo. Expressões socioculturais da crise capitalista na atualidade. In: CONSELHO FEDERAL DO SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Serviço Social: Direitos sociais e competência profissional.** Brasília: UNB, 2009.

YAZBEK, Maria Carmelita. O significado sócio-histórico da profissão. In: _____. **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências profissionais.** Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.